Bem-Te-Vi



Outubro de 1937

A Promessa Cumprida

Enquanto Elói subia com esforço o morro alto para ir ter à casa da vovó, dois pensamentos cruzavam-se na sua cabeça.

Um era: "Eu gostaria de ter ficado em casa jogando pingue-pongue em vez de ir visitar a vovó. Ela com certeza nem lembra mais que eu prometi levar-lhe as sementes hoje. E afinal, que importancia tem uma promessa?"

O outro pensamento era inteiramente diverso, mais ou menos assim. "E' claro que devo cumprir minha promessa, mesmo que vovó a tenha esquecido. Ela é tão boa para mim que não posso entristecê-la."

Elói chegou à casa da vovó ainda remoendo os dois pensamentos. Atravessou o portão, fazendo tinir a campainha. Como a vovó não viesse abrir-lhe a porta, entrou. Elói sabia que a porta estava destrancada. A vovó deixava-a sempre assim quando saia, caso aparecesse um neto.

Ele sabia, tambem, que podia encontrar bolinhos polvilhados de açucar e canela dentro do guarda-comida ou bananas na fruteira. Ela deixava sempre essas guloseimas para uns meninos de bom apetite. Era dessas avòzinhas . . .

Elói chamou:

— Vovó-ó-ó!



Esperou um momento. Como ninguem respondesse, pensou que a avó tinha esquecido sua visita e saído. Nisso ouviu uma voz abafada, vinda do porão:

— Socorro! Socorro!

Elói entrou na ponta dos pés na cozinha, o coração aos saltos sob a camisa azul. Quando abriu a porta do porão, ouviu a voz da vovó, como de longe, que dizia:

— Venha, Elói! Venha!

Sem duvida a vovó tinha sofrido um acidente. Elói disparou escada abaixo, no escuro. No ultimo degrau estava caída a vovó.

— Vovó, a senhora machucou-se? perguntou êle, ansiosamente.

— E', meu filho, foi o murmúrio de resposta. Traga-me agua.

Elói vôou escada acima e voltou com um copo de agua fresca, que levou aos lábios da avó. Com alguns goles ela pareceu reanimar-se, porque sorriu um pouco.

— Não se assuste, meu filho. Creio que torci o tornozelo. Vá correndo à casa vizinha chamar D. Sonia.

Um momento depois já a robusta D. Sonia com solicitude auxiliava a vovó a subir os degráus da escada. Elói correu na frente, abrindo portas e fazendo o que podia para ajudar. Que felicidade que o medico chegou logo e tratou do pé da vovó!

— E' uma luxação, disse o medico atenciosamente. Com este remedio a senhora vai sentir-se melhor. Foi bom seu neto ter chegado na horinha mesmo.

A vovó sorriu para Elói.

— Não sei como teria suportado tudo se não soubesse que Elói vinha, ela disse. Já estava em ponto de desmaiar. Mas criei coragem pensando que Elói devia chegar de um momento para outro. E ele veiu mesmo.

— Ainda bem, disse o medico. A chegada do seu neto livrou-a de resultados serios dessa queda. Um menino correto assim dá gosto, não?

Elói sorriu, mas estava pensando seriamente. O que teria sucedido se êle tivesse atendido ao primeiro pensamento e faltado à sua promessa? Nem valia a pena pensar.

"De ora em diante vou fazer das minhas promessas uma questão de honra", disse Elói de si para si.

Bem-Te-Vi

MATRICULADO CONFORME O DECRETO 24.776 DE 14 DE JULHO DE 1934.

ANO XV N.º 10

REVISTA MENSAL

REDAÇÃO: AV. CONDESSA DE SÃO JOAQUIM, 155

OFICINAS: RUA DA LIBERDADE, 117

ASSINATURAS
ANUAL . . . . 10$000
AVULSO . . . . 1$000

Redatoras: NANCY R. HOLT
ADELINA DE CERQUEIRA LEITE
Desenhista: CELIA ROCHA BRAGA

São Paulo, Outubro de 1937

Gerente responsavel: SERVULO C. SANT'ANNA
Sub-Gerente: FERNANDO BUONADUCE

PIRULITO E MARIMBAU



CAPITULO I

UM NEGÓCIO DA CHINA

Anita agitou mais uma vez o porquinho de porcelana côr de rosa e o último tostão que havia dentro caiu em cima da cama.

— Dez mil réis, murmurou ela, e mamãe disse que se eu economizasse dez mil réis podia comprar tudo que quisesse.

— Que há de ser ? perguntou tio Silvio ; uma boneca, um livro ou uma cadeirinha de balanço ?

— Ainda não sei, ela respondeu. Logo que resolver eu lhe conto.

E' bom a gente ter dez mil réis inteirinhos para gastar. Anita pensou numa coisa que queria, depois noutra. Até o fim das aulas, no dia seguinte, ainda não havia decidido, apesar de ter feito uma lista de umas quinze coisas que queria. Tinha a lista de cabeça porque algumas das palavras ela não sabia escrever. Naquela tarde D. Carolina pediu a Samuel e Anita que limpassem o quadro-negro.

Eles foram bem contentes. Os dois não se conheciam muito bem, porque Samuel morava perto da estrada de ferro e Anita na Serra, do outro lado da cidade; mas limpar o quadro-negro é serviço divertido e logo os dois tinham ferrado uma prosa.

— Você precisa ver meus cachorrinhos, disse Samuel. São um encanto, e como sêda !

— Quantos você tem ? perguntou Anita com inveja.

— Seis, replicou Samuel. Um é preto com patas brancas, outro é marron, felpudo, outro é malhado, dois são brancos, com pintas pretas e o último é creme.

— Seis ! disse Anita. Que vai fazer com eles? Sua mãe deixa você ficar com tantos ?

— Não, disse Samuel tristemente. Ela disse que eu preciso vendê-los.

— Cachorros devem ser muito caros, retrucou Anita, pensativa.

— Os meus não, tornou Samuel. Ficaria bem contente com cinco mil réis por cada um e deixava até por menos.

— Eu quero um ! exclamou Anita. Tenho dez mil réis de economias.

— Isso dá para dois, disse Samuel. Vendo-lhe dois por dez mil réis.

— Então quero dois, decidiu Anita. Trago o dinheiro amanhã.

— Você pode vir em casa e escolher os que gostar mais, menos o de côr creme. Ele é meu, disse Samuel.

Naquela noite Anita era toda mistérios.

— Eu tenho um segredo, disse ela à mãe. A senhora vai gostar dele.

Ao se deitar, disse ainda:

— Mamãe, agora já sei como vou gastar meus dez mil réis, mas quero fazer-lhe uma surpresa. Amanhã vou voltar da escola um pouco atrasada.

Na tarde seguinte, depois das aulas, Anita e Samuel foram para os lados da estrada de ferro. Anita levava seus dez mil réis amarrados no lenço.

Os cachorrinhos estavam num caixote ao lado do fogão. Anita ajoelhou-se perto, encantada. Eles eram tão engraçadinhos que ia ser difícil escolher só dois.

— Eu quero o preto, resolveu Anita, afinal, pegando um dos bichinhos e encostando-o ao rosto, que ele lambeu logo com uma tirinha de lingua côr de rosa. Vou chamá-lo Marimbáu. Como é o nome dele ?

— Negrinho, replicou Samuel. E este aqui é Malhado, esta é Fifí, este é Birote, esta é Nica e este é Mico.

— Mico ? perguntou Anita.

— E', porque tem cara de macaco, explicou Samuel.

Mico não era nada bonito. Parecia um novelo embaraçado de lã marron, com um par de olhos que eram como dois botõezinhos pretos. Nesse instante ele mordiscou o rabinho de sua irmã Nica. Esta ganiu e deu umas voltinhas.

— Mico é brincalhão, disse Samuel. Sempre está fazendo artes. Mas é feinho, coitado.

— Pois eu gosto dele, disse Anita, acariciando-o. Quem sabe se ele fica sentido com esse nome de Mico ?

O cachorrinho marron virou-se de costas e mexeu as quatro patinhas no ar. Era tão engraçadinho ! Anita apertou-o num abraço.

— Quero levar este, disse Anita, mas não vou chamá-lo Mico. Ele será Pirulito.

A bonita mãe de Samuel, de olhos e cabelos pretos, arranjou uma caixa grande de sapatos e abriu alguns buracos nela. Então pôs Pirulito e Marimbáu dentro e amarrou bem a caixa. Os cachorrinhos, assim apertados, ganiam e latiam.

— Ninguem poderá imaginar o que eu levo aquí, disse Anita. Minha mãe, então, vai cair das nuvens.

— Ela sabe que você vai levar os cachorrinhos ? perguntou a mãe de Samuel.

— Não, isto é surpresa para ela, replicou Anita. Estou louquinha por chegar em casa.

Ela pôs o dinheiro em cima da mesa da cozinha, em notas e níqueis.

— Não posso contar, disse Anita, mas sei que está certo.

A mãe de Samuel sorriu e guardou o dinheiro numa bolsa velha. Com ele ia comprar meias e uma gravata vermelha para Samuel. Anita foi para casa levando a caixa com os cachorrinhos. Era uma caminhada longa e

os animaizinhos portaram-se mal. Estavam com frio, estranhando a caixa, ganiam e fungavam nos buracos. Pirulito meteu uma patinha marron num dos buracos. Anita empurrou a patinha para dentro. Pirulito não gostou nada daquilo. Já passava das cinco horas quando Anita entrou na cozinha de sua casa, cansada mas alegre.

— Bico calado, vocês ! ela segredou aos cachorrinhos. Vai ser uma surpresa daquelas !

A mãe de Anita estava costurando na sala de estar. Ela ergueu os olhos e sorriu.

— Gastei meus dez mil réis, disse Anita. Fiz um negócio da China.

— Comprou a boneca de cachos louros ? perguntou a mamãe.

— Muito melhor que isso, replicou Anita.

— Foi o livro *Contos de Fadas* ? adivinhou a mamãe.

— Melhor ainda ; e não é a cadeirinha de balanço, disse Anita.

Nesse instante Marimbáu perdeu de todo a paciência.

— Au-u-u-u ! ganiu Marimbáu. Au-u-u-u !

— Misericórdia ! exclamou a mamãe. O que será, então ?

— Cachorrinhos, disse Anita. Meus cachorrinhos !

— Você tem um cachorrinho nessa caixa ?

— Tenho dois, mamãe, e veja como são lindinhos.

Pirulito e Marimbáu eram mesmo bonitos e a mamãe simpatizou-se com eles.

— Mas porque comprou dois, Anita ? ela perguntou.

— Porque dez mil réis davam para dois, disse Anita. Se eu tivesse vinte mil réis, havia de comprar quatro cachorrinhos.

— Então, ainda bem que não tinha, brincou a mamãe. Dois já bastam.

E foi assim que Pirulito e Marimbáu foram viver na casa de Anita ; mas esta história não acaba aqui, porque eles são cachorros de verdade e tiveram aventuras. No próximo "Bem-Te-Vi", elas começarão a ser publicadas.

Petiscos para os Bem-Te-Vistas

BOLO DE ABACAXI

10 folhas de gelatina.
1/4 copo de agua fria.
1 copo de abacaxi ralado ou esmagado.
1/2 copo de açucar.
1/4 de colher de chá de sal.
1 colher de sopa de caldo de limão.
3/4 de copo de nata batida (creme).

Dissolva a gelatina na agua, em banho-Maria. Acrescente o abacaxi, o açucar, sal e caldo de limão. Deixe esfriar. Quando começa a engrossar, bata uma pouco e acrescente o creme. Forre uma forma funda com palitos franceses e despeje o creme, alternando com palitos. Ponha para gelar umas 4 horas. Ao servir, tire da forma e enfeite com creme chantilly e morangos.



A Patrulha Invencivel

Pascoal correu para o rancho improvisado pela Patrulha Invencivel, num terreno baldio.

— Adivinhem uma coisa ! êle gritou. Elias Cúry está para chegar na vila.

— Viva ! gritaram os companheiros. Quando vem êle ? Ainda não chegou ? Como soube, Pascoal ?

— D. Nadima, a tia de Elias, contou para mamãe. Ele chega amanhã de tarde. D. Nadima tem de assistir a uma reunião missionaria e pediu que ficassemos com Elias até ela voltar para casa.

— Formidavel ! disse Afranio. Vamos fazer-lhe uma recepção. Um menino herói !

Realmente, Elias havia salvo uma criança de um incendio, pelo que recebera medalha de honra e o seu retrato saira nos jornais. E êle morava na capital !

— D. Nadima, prosseguiu Pascoal, lembrou que poderiamos esperá-lo na estação.

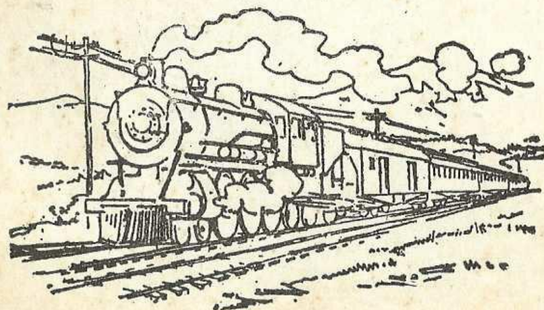
— E vamos recebê-lo com a banda ! disse um dos rapazes.

— E trazê-lo cá, com o rancho todo enfeitado de flores, acudiu outro.

—Flores, *Mariquinhas?* zombou Afranio. Quer que o nosso herói pense que somos uns molengas e —

— Nem por sombras ! interrompeu Pascoal. Elias é de fibra dura, como provou pelo que fez. Queremos que êle veja que somos gente alinhada, tal e qual os seus colegas da capital.

— Claro ! Que acham de umas garrafas de cerveja ? Ha algumas vazias no fundo deste terreno.



— De acordo, disse um rapaz alto, e arranje a garrucha do seu pai —

— Epa ! atalhou Pascoal. Nada de garruchas. Precisamos é de cigarros.

A proposta agradou. Elias com certeza fumava. Era só a Patrulha comprar um maço de cigarros. Que pena não terem êles tempo de aprender a fumar ! Em todo o caso, podiam oferecê-los a outros.

Na tarde seguinte, quando o trem entrou bufando na estaçãozinha, a Patrulha Invencivel lá estava esperando o menino simpático que desceu com duas malas. Pascoal adiantou-se segurando um estandarte com a palavra *Salve!* A banda tocou uma melodia bonita, com o auxilio de pentes, harmônicas, frigideiras, tambor e banjo feito por Afranio.

O nosso herói cumprimentou e sorriu, tal como a gente imagina que fazem os heróis. Pascoal sentiu-se como um chefão quando disse :

— Snr. Cúry, receba as saudações de nossa cidade !

— Obrigado, respondeu o herói, sorrindo e estendendo-lhe a mão. Mas chame-me só Elias. Estou encantado com a recepção que me fazem ! Foi mesmo muita amabilidade da parte dos amigos. Tia Nadima escreveu a papai dizendo que eu logo faria amizades aqui. E eu preciso mesmo disso, agora que êle está na Europa. Mas — parece até um sonho ! Quanta gentileza !

Enquanto o levavam para o rancho, cada menino da Patrulha pensava na honra de hospedar um herói. Tomara que êle os achasse dignos de serem seus amigos, enquanto estava de visita à tia !

Quando Elias entrou no rancho, disse:

— Imagine ! Vocês têm um rancho e tanto ! Divertem-se aqui, não ?

Então Pascoal, apontando para as garrafas vazias, declarou :

— Ora se não !

Parecia que Elias não tinha mais nada a dizer. Pascoal ofereceu-lhe cigarros.

— Não, obrigado, disse Elias. Agradeço muito tudo que fizeram, mas tia Nadima está-me esperando e —

Os meninos explicaram que ela só podia vê-lo bem mais tarde, porém Elias replicou que o empregado da tia já levara suas malas e acrescentou :

— E' melhor que eu vá já e tome um banho antes de titia voltar.

Elias mais uma vez agradeceu a recepção, mas cortêsmente recusou fazer parte da Patrulha. Declarou que não se demoraria muito. E êles, que estavam certos de tê-lo em sua companhia todas as ferias de fim de ano !

Quando Pascoal foi levar Elias à casa da tia, os da Patrulha fizeram comentarios sobre o hóspede, que na sua opinião era mesmo simpático. Mas que exquisita aquela pressa de ir embora . . . Talvez estivesse cansado.

Todos os dias daquela semana os meninos convidaram Elias para ir ao rancho. Era para jogar *foot-ball*, tomar um refresco, ou jantar juntos tutú de feijão com linguiça. Sempre Elias arranjava uma desculpa : ou dôr de cabeça, ou tinha de escrever ao pai, ou de capinar o jardim da tia, porque o jardineiro não dava conta do serviço.

— Quem sabe se êle não gosta de nosso rancho, disse Afranio. E' velho e — feio para um menino da capital. Pode ser . . .

Então Elias foi convidado para piqueniques, pescaria, para nadar no ribeiro. Mas sempre vinham as desculpas delicadas. Seria aquele Elias o mesmo que, sorridente, os chamára amigos na estação ? Ele frequentava a mesma classe dominical de Afranio. Porém, terminada esta, ia para casa com a tia. D. Nadima deu uma festinha para a qual foram convidados muitos meninos. Foi bem divertida, mas depois Elias conservou a mesma distancia de sempre da Patrulha.

Com o correr das semanas foram cessando os convites para Elias brincar com os meninos do rancho. Estes lastimavam não ter caido na simpatia do herói. Teria sido tão bom tê-lo como camarada ! Dêsse jeito nunca nenhum dêles ia ouví-lo contar a cêna do incendio, suas impressões como herói, quando recebeu a medalha de honra, e a vida dos meninos na capital.

Numa tarde quente de Janeiro, Pascoal virava uma esquina na sua bicicleta, quando um cãozinho branco atravessou à sua frente. Ele desviou depressa e foi bater num poste elétrico e cair no meio da rua. Passava ali um automovel. Houve um chiar de breques, mas era impossivel evitar-se o desastre. O carro já estava quasi apanhando o menino, quando duas mãos fortes o arrastaram pelos pés.

— Que horror ! exclamou Elias, curvando-se sobre Pascoal. Por um pouco ! Machucou-se ?

Pascoal abanou a cabeça, ergueu-se e começou a bater o pó da roupa.

— Você, Elias ! êle exclamou. Mil graças ! Salvou-me de boa !

— Você foi quem salvou seu cãozinho, disse Elias. Bela manobra. Estragou a bicicleta por causa dêle.

— Não é meu — é cachorro da rua, tornou Pascoal.

— Não diga ! Então fez isso por um cachorro qualquer ? Imagine o que você não faria por um amigo ! Quero apertar a mão do rapaz mais distinto que conheço !

Pascoal apertou a mão que Elias estendia.

— E' como digo, Pascoal, prosse-



guiu o outro, você é do meu tipo. E' pena eu ter de embarcar agora. Gostaria de conhecê-lo melhor.

— Sério?

— Sério!

— Mas... começou Pascoal indeciso, é engraçado... nós sempre pensamos que você não gostasse do pessoal da Patrulha. E quisemos tanto a sua amizade! Comprámos cigarros para você, quando nós mesmos não fumamos, arranjamos garrafas vazias de cerveja para fazer de conta que eramos como os rapazes da capital! —

— Que historia é esta? Então pensaram que eu gostaria de vocês por isso? perguntou Elias.

— E' claro. Pois muitos rapazes e homens não fumam e bebem?

— E' verdade, disse Elias. Vou contar isto ao papai. Ouça: vá guardar a bicicleta e venha comigo à estação. Tia Nadima está resfriada e eu não quis que viesse para o bóta-fóra. Mas Pascoal, prosseguiu Elias, sinto ter feito esse papelão durante as férias. Vocês foram tão bons para mim! O caso é que papai é Juiz de Menores. Ele sempre diz que os meninos que cometem faltas são em geral dos que pensam que é *chic* fumar, beber e andar armado —

— Mas nós não iamos fazer nada de mal, atalhou logo Pascoal..

— E' claro que não. Um menino que leva um tombaço daqueles para salvar um cachorro da rua — ora, está-se vendo que êle e seus companheiros prestam mesmo. Mas eu não sabia disso antes. Só pensava nas garrafas de cerveja e nos cigarros. E' uma pena que há rapazes bons que bebem e fumam. Papai diz que é esse um dos caminhos para um fim triste. Por isso há muito tempo resolvi evitar a camaradagem de meninos que fazem isso. Desta vez enganei-me redondamente, Pascoal, e sinto muito. Ao menos eu podia ter dito a vocês que largassem dêsses vicios.

— Nós tambem estavamos enganados, sem saber o que é na verdade correto e distinto.

— Mas hei de voltar nas próximas ferias, prometeu Elias.

— O'timo! exclamou Pascoal, despedindo-se do herói. Para a outra vez, nada de cerveja nem cigarros! Adeus!

FUGI DELE



Num manifesto internacional, assinado por 864 médicos afamados, destacam-se êstes pontos:

I. Que o álcool não alimenta, e é pernicioso mesmo em pequenas quantidades.

II. Que o álcool abrevia a vida, e aumenta a predisposição para certas doenças.

III. Que os abstinentes trabalham mais e melhor que os bebedores, mesmo moderados.

IV. Que o álcool prepara a degenerescência da raça, multiplicando os doentes-natos, o que se verifica principalmente quando as mães são alcoólicas.

O homem pode ser muito digno sem instrução, e muitissimas vezes o é sem riqueza; mas sem integridade e sem nobreza de caráter ninguem é digno de apreço.

Um  Roubo

Quando Reinaldo entrou em casa, para o jantar, estava agitadissimo.

— Papai, ele disse, houve um roubo sensacional na cidade. Uns homens de automovel roubaram um dinheirão do banco e fugiram. O Dr. Dario disse-me que é certo que êles vão ser presos e ficar na cadeia por muito tempo. Que horror, não?

— E' horrivel ser ladrão e tambem uma tolice. Você pensa por acaso que eles não sabiam que o dinheiro não lhes pertencia?

Reinaldo julgou que o pai estava caçoando.

— Naturalmente que sabiam! respondeu. Eles queriam ficar ricos e depois se pôrem a salvo. Eu gostaria de ser rico, mas nunca seria capaz de me apossar do que não me pertence.

— Estou muito satisfeito com esse modo de pensar, declarou o papai. E' de grande importancia ter-se respeito à propriedade alheia.

No dia seguinte, sabado, Reinaldo brincou fóra toda a manhã. Quando voltou para casa o pai o chamou.

— Quero mostrar-lhe uma coisa, ele disse, segurando uma folha de papel.

— Você se lembra dos ladrões que deitaram a mão ao dinheiro alheio, agindo contra a lei? êle perguntou.

— Lembro-me, sim, Reinaldo respondeu, pensando a que vinha aquela pergunta.

— Eles seriam ladrões se tivessem roubado outras coisas — roupas, livros ou comida?

— Sim senhor, Reinaldo respondeu. Quem tira o que não lhe pertence está roubando, seja o que fôr.

— Veja isto, disse então o pai, mostrando-lhe a folha de papel que segurava.

Nela havia uma lista de coisas: 2 livros, 1 raqueta, 1 martelo, 1 canivete, 1 bola, 1 duzia de laranjas.

O menino leu a lista, muito intrigado.

— O que quer dizer isto? perguntou.

— Você pensa que seria roubo tirar qualquer desses objetos de uma pessoa?

— Mas naturalmente, papai!

— Um dêsses livros, disse o pai, era da biblioteca. Você o perdeu — lembra-se? e eu tive que o pagar. O outro era de Alice — você o deixou no portão e Tótó arrancou-lhe as folhas. Evaristo emprestou-lhe sua raqueta, você deixou-a molhar-se na chuva, e foi preciso mandar encordoá-la de novo. Você me pediu emprestado o martelo e o canivete. Esqueceu de me devolver o martelo e depois não o pôde mais encontrar. Quando me entregou o canivete, a lamina estava quebrada. Foi brincar com a bola de Brandão no quintal e perdeu-a. Sua mãe mandou-o comprar laranjas. Você descansou o cesto no chão, para seguir melhor o jogo de *foot-ball*, e alguem levou-as.

Reinaldo estava desassossegado e com as faces pegando fogo.

— Como sabe, continuou o pai, todas essas coisas pertenciam aos outros, não a você; perderam-se todas ou se estragaram devido ao seu descuido. Não se trata de um roubo premeditado, mas do prejuizo que sofreram os possuidores. Você julga sinceramente que isso foi corréto ou honesto?

— Não, não foi, respondeu Reinaldo. Estou muito triste, papai. Não tinha pensado na coisa assim. Mas vou-me corrigir. Eu podia mesmo ter feito melhor tudo isso. Algumas dessas coisas ainda posso endireitar.

— E' justamente isso que você deve fazer, e lembre sempre: a verdadeira honestidade significa o respeito à propriedade alheia de qualquer forma. Os hebreus, ha muito, muito tempo atrás, tinham uma lei pela qual um homem era responsavel pela propriedade do vizinho, se esta estivesse sob sua guarda, e por qualquer dano que ela sofresse durante esse tempo. Você está crescendo tão descuidado, meu filho, que era bom decorar que "O mal é fruto da vontade, do pensamento e do coração".

— Vai dar trabalho ficar quite com tudo isso, disse o menino, olhando para a lista, muito sério. Vale a pena ser mais cuidadoso.

LEI e LIBERDADE



Dirceu assobiou chamando o cão, enquanto caminhava para a praia, de *maillot*.

"Que dia esplendido para um banho", pensou, ao se aproximar do mar. "Lá vai o Celso".

— Espere aí, Celso! gritou Dirceu. Hoje, sim, vale a pena tomar banho, hein?

Celso logo parou, à espera do amigo, e, vendo o cão, disse:

— Você não póde trazer o Negrito à praia, Dirceu; isso é proïbido.

— Que me importa, retrucou o outro. Já que não há guarda aqui para levá-lo, êle fica. Tambem, que lei mais absurda é essa!

— Mas deve haver algum motivo para existir essa lei, Celso replicou. Talvez os cães atrapalhem os banhistas; podem morder alguem. Além disso, o que eu sei é que sujam a areia.

— Oh, chega de sermões e vamos entrar na agua, retrucou Dirceu, enquanto com seu cão pulava uma onda.

Depois de nadar um pouco, virou-se para ver se Negrito tinha voltado à praia e notou que uma lancha a motor vinha quasi beirando a areia, bem perto dos banhistas.

"Não deviam fazer essa imprudencia", pensou ele. "E' contra a lei".

Nesse momento o menino reparou num ajuntamento de povo na praia e nadou apressado para lá. Alcançou Celso e outros banhistas que tambem corriam rumo da lancha, e viu estendida na areia uma menina de *maillot*.

— Ela foi atropelada pela lancha, Celso respondeu diante do olhar inquiridor do amigo.

— E' o cúmulo, comentou Dirceu; pensei que fosse proïbido as lanchas aproximarem-se.

— E *é* proïbido mesmo, declarou Celso, mas com certeza o dono da lancha acha esse regulamento um absurdo.

Ele estava ainda sentido por Dirceu ter dito que "prègava sermões".

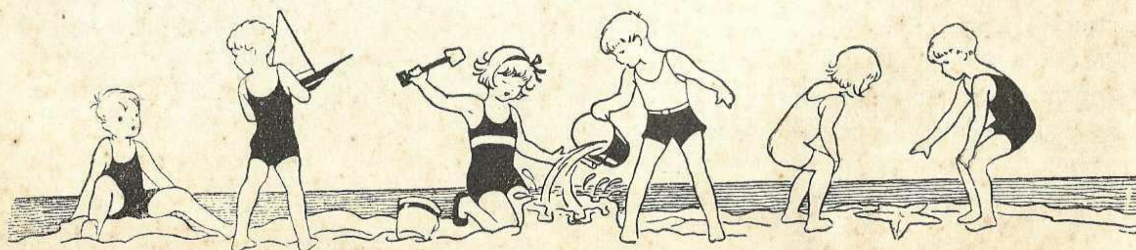
Dirceu não disse nada, mas corou.

Quando os meninos deixaram de nadar e estavam descansando ao sol, com Negrito ao lado, Dirceu disse:

— Será que aquela menina está muito machucada? Ha razão de sobra para existir uma lei que proteja os banhistas dos botes; mas um cachorro é diferente. Nós temos tantas leis tolas que, se alguem for cumprir todas, não terá liberdade de fazer coisa alguma neste mundo.

Celso não respondeu logo, mas olhou a fileira contínua de carros que passavam na avenida.

— E' engano seu, disse finalmente. Pensando bem, é a lei que nos dá liberdade. Vamos supor que não houvesse controle sobre o tráfego. Você não poderia atravessar a avenida agora; nunca estaria em segurança na rua. Nós não precisamos conhecer e cumprir todas as leis, pois algumas delas interessam só a certos grupos e não nos afetam. As leis feitas para os proprietarios de casas,



por exemplo, nada têm a ver comigo porque não sou dono de casa alguma.

— Epa! Você, para sábio falta pouco! caçoôu Dirceu.

— Meu pai explica-me tudo isso, disse Celso. Vamos embora para casa.

Os meninos levantaram-se. Negrito foi pulando alegremente ao lado dos dois meninos, que esperaram o sinal certo para atravessarem a avenida.

Um carro surgiu a grande velocidade, contra a mão, e passou sem diminuir a marcha. Os meninos pularam para trás a tempo de se salvarem, mas o pobre Negrito não teve a mesma sorte. Ele deu um grito de angustia e depois ficou estendido muito quieto. Era uma vez o Negrito!

Celso, refeito do proprio susto e muito espantado com o que sucedera ao cão do amigo, gritou impetuoso:

— Esse homem devia ser posto na cadeia por violar as leis do tráfego! Que bruto! Nem parou para ver o mal que fez!

Lagrimas grossas rolavam pelas faces de Dirceu.

— Ele com certeza estava com pressa, o menino replicou com amargura, e achou que os regulamentos do tráfego são velhos, absurdos e restringem a sua liberdade. Que importancia tem um cão a mais ou um cão a menos? Quanto a nós, êle com certeza pensou que nos poriamos a salvo. Demais a mais, eu ajudei a matar Negrito, porque se tivesse observado os regulamentos sobre cães na praia, ele teria ficado em casa!

Celso contou ao pai o que sucedera e depois perguntou:

— Não é nada seguro a gente infringir as leis de que não gosta, não é, papai?

— Não é, não, meu filho, o pai respondeu; não é seguro e nem digno de um bom cidadão.

FLORA STROUT.



FILHOS UNICOS

"Fui ôntem visitar D. Graça. Você a conhece. Ela casou-se depois de mim. Tem um filho, mais velho que Rui um ou dois anos; mas que diferença! Ele não apertou a mão da gente, não disse palavra, nem olhou para mim. Ficou sentado como uma corujazinha solene, olhando para uma página cómica de revista. Cheguei a pensar que estava querendo mostrar a sua imponência. Parecia que a mãe dele nunca reparava na rudeza de seu comportamento. Muito me alegra verificar que Rui não é assim.

"Estou certa de que o filhinho de D. Graça estava com vontade de falar, mas não podia. Aquela criança só vê o pai e a mãe. D. Graça é escrava do dever; nunca parece disposta a ir a alguma parte e raramente recebe visitas. E' isso que prejudica a criança.

"Bem que receei o mesmo problema com Rui. Praticamente, ele é filho unico, tambem, porque os outros já eram crescidos quando ele nasceu. Felizmente eu gosto de visitas; porisso desde pequenino Rui se habituou a encontrar-se com desconhecidos. Tenho feito sempre um esforço especial para persuadir as mães a que tragam seus filhos quando me visitam, visto que, não havendo crianças na família, Rui depende de amiguinhos para ter aqueles primeiros contactos sociais que são tão importantes. Elas têm compreendido o meu ponto de vista e cooperado comigo por todos os modos. Assim Rui está aprendendo a ser tão bom hóspede quanto hospedeiro.

"E o cachorro? Como o admitiu? Lembro-me de que você não podia suportar um cão.

"Tem toda a razão. Um cão grande em casa sempre me desagradou. Mas à medida que Rui crescia, compreendi que necessitava de um companheiro para as correrias diárias. Ele estava ficando muito sonhador. Porisso Evaristo comprou-lhe um lulú. E' a continha. O cão é tão pequenino que não incomoda na casa, e tão vivo e inteligente que acompanha o menino em todas as brincadeiras. Com isso, ambos praticam o exercicio que lhes é necessário.

"Saudades aos seus queridos. Abraços de VANDA".

GENTIL AIROSO

Era uma vez um menino que pensava que era esperteza fazer-se de engraçadinho. Ele se chamava Gentil Airoso. Agora você vai ver o que lhe aconteceu. Ele era um menino tão simpático que era uma pena aquela mania tola de chamar a atenção. Que pena o Gentil não ser como os outros meninos de juizo! Que maçada, mesmo!

O pequeno Gentil Airoso pensava que era engraçadinho andar com os pés virados. Gentil Airoso pensava tambem que era engraçadinho fazer caretas e pôr a lingua. Achava que era esperteza fazer essas tolices. Sua mãe sempre dizia:

— Veja lá, Gentil! Algum dia você vai arrepender-se de fazer essas tolices. Veja lá!

Mas o pequeno Gentil Airoso continuava na mesma. Ele andava com os pés virados e pulava assim na rua, primeiro sobre um pê, depois sobre o outro.

— Vejam só! êle dizia aos meninos que iam para a escola. Vocês não podem fazer *isto!*

E êle ia dando uns saltos desajeitados, sem nem um pingó de graça.

Nenhum menino gostava dêle. E' claro: o Gentil fazia tantas tolices que ninguem queria andar com êle. Ninguem queria fazer aquelas coisas. Não tinham graça nenhuma e nem pareciam esperteza. Os meninos viam isso muito bem. Eles diziam:

— Aquele bobinho é o Gentil Airoso, que pensa mostrar esperteza fazendo essas tolices! Não liguem para êle!

E ninguem deste mundo prestava atenção ao Gentil.

Um dia Gentil viu uma senhora que descia a rua e pensou assim:

"Vou mostrar para ela como sou esperto. Vou fazer uma graça".

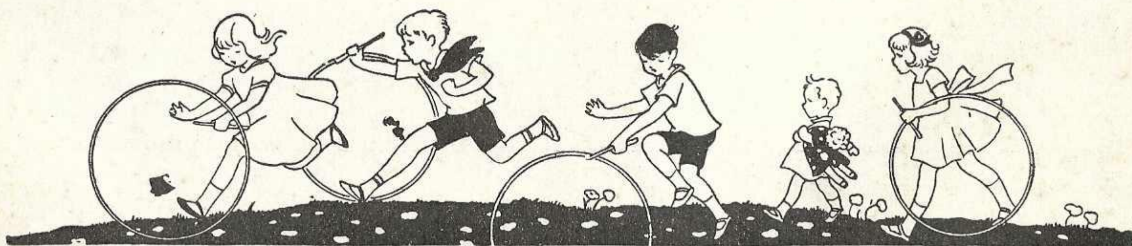
Então êle pulou com os pés virados e foi pulando assim. Estava tão ocupado pensando na esperteza que fazia e olhando atrás para ver se a senhora reparava nêle, que nem viu onde pisava. De repente — *póff-te!* — o Gentil esparramou-se numa poça de agua.

Os meninos da escola viram tudo e riram dêle.

— O Gentil Airoso quis ser tão engraçadinho que caiu na poça de lama! êles caçoaram. Se êle não quisesse parecer tão esperto, teria andado com modos como o resto do mundo e não teria caido na lama.

O pequeno Gentil Airoso levantou-se com modos de gente. E então êle foi para casa o mais depressa que pôde. Agora êle achava mesmo que tinha feito feio. Era verdade: que tolice querer ser engraçadinho! Ele viu isso muito bem. E enquanto corria dali, Gentil ouviu a senhora dizer para as crianças da escola:

— Que menino, esse! Pensar que é esperto quando não passa de um tolo de marca maior!



Os Tres Esquilinhos

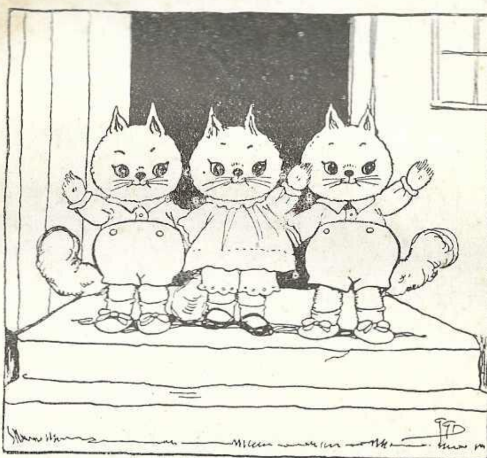
I

Como disse n'outro dia,
O Cauda-Grossa ajudou
A mamãe no seu serviço.
E o papai, que tem mania
De passear, aproveitou
Esta ocasião e disse isso
A' esposa trabalhadeira :
"Vamos fazer um passeio,
O' querida companheira ;
Precisamos de recreio".

II

A mamãe ficou radiante
E lá se foi, pressurosa,
Vestir as roupas mais finas ;
Ei-la pronta num instante.
Ela nunca foi vaidosa
Como muitas das meninas
Que estão lendo o "Bem-Te-Vi",
Mas vejam como está chique
E como, feliz, sorri,
Em caminho ao piquenique !





III

E lá em casa, sòzinhos,
Muito contentes por dar
Esta folga aos seus bons páis,
Ficam os tres esquilinhos.
Que feliz é aquele lar !

As Costuras de Estér

— Que coisa ! Nunca vou ser capaz de fazer todas essas roupinhas !

Estér ficou de cara fechada. Com raiva, atirou Semíramis, a boneca sorridente, de cachos de ouro, para cima da cadeira de balanço, onde a pobrezinha caiu desconjuntada.

Estér tinha pensado que ia ser divertido fazer roupinhas bonitas para Semíramis e dar a boneca de presente à prima Clarisse, no dia de seu aniversario.

Sua vóvó tinha cortado as vestes pequeninas em lindos retalhos de seda, em renda e lã, e depois juntara com alfinetes as diversas partes de cada uma. Como tudo parecera facil a Ester, na véspera !

Ela se levantára cedo e mal pudéra engulir o café, tão ansiosa estava por começar suas costuras. Faltava ainda um mês para o aniversario da prima, porém era sabado e ela queria acabar com aquela tarefa até a noite.

Mas errára tantas vezes! Juntára os dois pedaços de vestido, costurando o decóte de um à barra da saia do outro. A linha dava nós, embaraçava-se, franzia as costuras ou partia-se de uma vez. A agulha picava seus dedos e a lin a estava sempre desenfiando. Estér já estava farta de tudo aquilo e não tinha ainda terminado a primeira peça, um vestidinho de seda côr de rosa.

Ela parou e olhou zangada para Semíramis que continuava na cadeira de balanço, a cabeça dobrada até os pés.

— Estou cansada de tudo isto, a menina resmungou. Vou dar para Clarisse a minha Semíramis embrulhada em papel de seda. Titia que faça as roupas.



Nesse momento a vóvó parou à porta. Ela acabava de chegar da rua.

— Mas o que é isso ? perguntou. Que rostinho tão feio para uma menina bonita ! Ouví quando você dizia que estava cansada — mas do que ?

— Sabe, vóvó, a menina explicou, desde a hora do café eu estou costurando este vestidinho, e... e eu queria tanto ir brincar com Olinda !

Ela escondeu a face nas mãos e desatou a chorar.

— Ora, ora, disse a vóvó. Uma menina grande não chora assim como um néné. E' melhor nós pormos todas essas fazendas na caixa e subirmos ao sótão.

— Isso mesmo, vóvó.

Estér gostava de ir ao sótão. Ajudou a guardar cada pedacinho de fazenda.

No sótão a vóvó abriu o baú grande e tirou dele uma linda colcha. Era feita de muitos retalhos pequeninos, que formavam desenhos. Havia estrelas grandes formadas de dois triangulos pequenos, como faziam antigamente.

— Oh, vóvó ! E' linda ! exclamou Estér. A senhora fez esta colcha para o aniversario de alguem ?

— Não, meu bem. Fiz isso há muitos anos atrás, quando era ainda uma menina do seu tamanho. A verdade é que não fui quem a pespontou. Umas senhoras amigas reuniram-se certa vez e a pespontaram. Mas eu fiz cada pedaço — esses quadrados que repetem o desenho.

— Como ela é bonita, vóvó !

Estér inclinou mais a cabeça para sentir o cheiro de alfazema.

— Mas, a vóvó disse, eu não a fiz em um dia, entre o almoço e o jantar, Estér. No meu tempo as meninas precisavam aprender a costurar, porque não era tão facil encontrar nas lojas as coisas feitas. Então mamãe me ensinou primeiro a alinhavar. Eu alinhavei todos os retalhinhos.

— E a senhora não se cansava ?

— Não, porque mamãe me fez começar costurando cinco minutos por dia. Mas tinham que ser os cinco minutos inteiros, e todos os dias, menos no domingo. Foi assim que aprendi a ver os minutos no relógio. E, por falar em costura, quando comecei a

aprender eu era bem mais nova que você, que já tem quasi dez anos. Depois fui costurando um pouco mais: sete, nove, dez minutos por dia. Mas logo que terminava, podia correr e brincar. E brincava com mais gosto porque tinha terminado a tarefa de costura.

— A senhora faz pontos tão bonitos, vóvó!

— Eles não eram assim no principio, mas depois foram melhorando, quando eu já tinha mais facilidade. Por fim costurava meia hora por dia, e com prazer. Depois de crescida, aos treze anos, costumava trabalhar quasi a tarde inteira.

Elas dobraram a colcha com cuidado e a colocaram de novo no baú, que rescendia a alfazema. Então desceram.

— Vamos pôr amanhã o relógio sobre a mesa, a vóvó disse, e eu vou ajudá-la no começo. Será melhor nós trabalharmos dez minutos, porque cortar e fazer roupas de boneca é mais dificil que emendar retalhos para uma colcha. Depois você poderá ir brincar com Clarisse ou visitar Olinda.

No dia seguinte elas puséram o reloginho branco do quarto de Estér sobre a mesa e puseram-se a trabalhar no vestidinho côr de rosa. A vóvó ajudou-a a juntar os dois pedaços de modo certo, mostrou-lhe qual a melhor maneira de segurar a agulha e puxá-la, e qual o comprimento que a linha devia ter. Ela costurou alegre e direitinho. Quando se lembrou de olhar para o relogio, já se tinham passado doze minutos! O vestidinho estava todo alinhavado e ela já tinha começado um par de sapatinhos de tricot.

— Agora, disse a vóvó, que parecia muito satisfeita, guarde tudo na caixa, ponha seu casaquinho e sua boina.

E assim Estér trabalhou, um pouquinho cada dia, até acabar o enxoval de Semíramis, — o avental, com babadinho em volta, o vestido de seda rosa, a gola de rendas, o lindo par de sapatinhos de lã vermelha, o casaco de veludo, e varias outras pecinhas.

Houve uma festinha no dia do aniversario de Clarisse. Semíramis estava embrulhada em papel de seda, exatamente como Ester tinha dito que ia dá-la. Quando Clarisse desembrulhou-a, exclamou com alegria:

— Que beleza! Foi a sua vóvó quem fez essas roupas lindas?

— Sim, a vóvó ajudou bastante, Ester respondeu, satisfeita; mas quem mais trabalhou fomos o relogio e eu.

— Obrigada, Estér, disse a prima. Elas parecem ainda mais lindas porque você as fez.

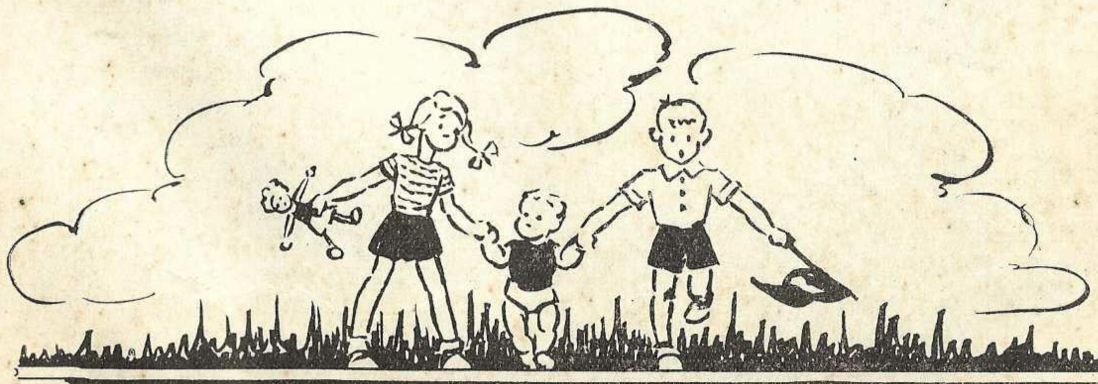
A ATIVIDADE DA ABELHA

Um naturalista calcula que, dada a minima porção de açúcar que se encontra no trevo vermelho (uma das melhores flores para mel) uma abelha para produzir meio quilo de mel terá de visitar perto de 60.000 glomérulos de trevo. Para sugar o nectar dum glomérulo, a abelha tem de introduzir a tromba em cada florinha; e como há cerca de 60 florinhas em cada glomérulo, segue-se que, para arranjar nectar bastante para meio quilo de mel, a abelha terá de sugar o nectar de 3.600.000 florinhas!

Além dêsse trabalho, o inseto tem ainda o de procurar os glomérulos que estejam exatamente no melhor ponto de desenvolvimento, e tem de fazer muitas viagens à colmeia para depositar o nectar que sugou.

E no fim, o que geralmente acontece é nós comermos o mel e a abelha ter de se contentar com a água açucarada que lhe damos. Mas nem por isso a abelha afrouxa ou abandona o trabalho.

Sejamos como ela: trabalhemos, cumpramos o nosso dever, sirvamos os outros, venha ou não recompensa. **Do "Raio de Sol".**



Um feitiço que virou contra a feiticeira

Enquanto Fernando ia à cidade, deixou o seu jogo novo de pingue-pongue com Dulce e Odete.

— Tome bem conta dêle, disse Fernando a Dulce, sua irmã.

Dulce prometeu sériamente :

— Não vou descuidar dêle nem um instante.

— Quando é que o seu tio Olavo nos vem buscar para irmos fazer convescote no lago ? perguntou Odete. Não aguento mais de vontade de ir.

— Talvez êle só venha na semana que vem, Dulce respondeu. Escreveu dizendo que estava muito ocupado no escritorio. Eu gostaria que viesse hoje — agora mesmo !

— Mas êle disse que *talvez viesse* esta semana, não disse ? perguntou Odete, suspirando. Ah, como vai ser divertido ! Poderemos entrar na agua, se êle for conosco.

Alguns minutos depois as meninas ouviram o buzinar forte de um automovel. Entreolharam-se admiradas.

— Ah, titio Olavo ! exclamou Dulce, correndo do quintal para casa.

Odete ia acompanhá-la, mas parou sorrindo brejeiramente. Dulce tinha esquecido sua promessa de não se descuidar do jogo de pingue-pongue nem por um minuto. Porisso ela teve a idéia de escondê-lo, só para prègar um pequeno susto na amiga. Pondo as duas raquetas e as bolas nos seus dois saquinhos de oleado, correu para trás da garage. Lá estava o barril em que tinham chegado os pratos novos da mãe de Dulce ; Odete jogou os dois saquinhos dentro do barril.



Espiando a um lado da garage, viu então um vulto cor de rosa. Era Dulce que vinha chegando. Odete entrou depressa pela portinha lateral e escondeu-se dentro da garage, atrás de uns caixotes, num canto.

— Odete ! Odete ! chamou Dulce do lado de fóra.

Sorrindo, Odete apenas se encolheu mais no seu esconderijo.

Dulce foi-se aproximando e dizia :

— Odete, onde está você ? e que fim terá levado o jogo de Fernando ?

Dulce ria, pensando :

"Quando ela tiver procurado um pouco mais, vou aparecer e surpreendê-la".

Justamente quando decidiu sair do seu esconderijo, ela ouviu um *clique* atrás de si. Voltou-se para ver o que era, batendo com a cabeça num caixote.

— Oh ! exclamou, pálida de susto.

A portinha tinha-se fechado e só se abria do lado de fóra. Odete não poderia abri-la sem a chave. Tambem não tinha bastante força para suspender a porta grande de aço da frente. Estava presa. Apreensivamente, sentou-se num caixote, desejando estar em qualquer outro lugar, menos ali.

Fóra, Dulce continuava a chamar. Odete respondeu, mas o ruido na rua impedia que Dulce a ouvisse. Ergueu-se de repente, pensando :

"Não fico mais aqui. Vou arranjar um meio de sair".

Tentou abrir a porta trancada, até

seus dedos doerem, porém em vão. Descansando um pouco, reparou na janelinha perto da qual estivera escondida. Talvez pudesse abrí-la e sair por ela !

"Póde ser que eu fique presa no meio da janela, mas de qualquer modo vou experimentar".

Refletindo assim, levantou a vidraça. De pé num caixote, pronta para trepar na janela e sair, ela viu Fernando e Dulce com sua mãe e seu tio, afastando-se no grande automovel azul.

Ela chamou e gritou, mas não a ouviram. Contendo a respiração, Odete enfiou-se pela janela, torceu-se e esticou-se até caír para fóra, sobre o gramado. Recobrando o fôlego, correu para trás da garage em procura do jogo de pingue-pongue de Fernando. Mas o barril tinha desaparecido.

Fóra, na rua, Odete ouviu o barulho da carroça que vinha sempre retirar o lixo do quintal.

"Preciso trazer de volta o jogo de Fernando, custe o que custar", pensou ela, correndo atrás da carroça.

E correu até não poder mais, gritando pelos lixeiros; mas êles não ouviram.

Odete não desistiu. Apesar de saber que os dois cavalos que puxavam a carroça corriam mais depressa do que ela, continuou a correr, tentando alcançá-los. Correu até perder o fôlego. Afinal, teve de afrouxar o passo. Tinha perseguido a carroça por cinco quarteirões e viu que não era mesmo capaz de alcançá-la. Além disso estava cansadíssima.

Tristemente pensou :

"A minha brincadeira acabou muito mal. Será que tambem perdi o convescote ?"

Encostou-se num poste para descansar. Na rua era grande o movimento de automoveis que iam e vinham. Ela esperou que a luz vermelha se acendesse, fazendo os veiculos parar, para atravessá-la e voltar para casa. Quando estava no meio da rua, ouviu uma voz chamando alegremente :

— Odete ! Odete ! Onde é que você esteve ?

Odete parou. Dulce, do carro do tio Olavo, sorriu-lhe e disse :

— Entre depressa antes do sinal mudar !

Odete obedeceu silenciosamente.

— Vamos fazer um convescote, explicou Dulce, contente. Andei procurando tanto por você ! Onde é que você estava ?

Dulce respondeu abaixando a cabeça :

— Se eu contar não hão de querer levar-me para o convescote.

Então contou a Fernando como tinha perdido o jogo de pingue-pongue. Porém êle deu uma risada.

— Você não perdeu nada ! Olhe ! disse, apontando para os dois saquinhos de oleado, no chão do carro. Eu vinha entrando em casa, pelo quintal, quando você escondeu o meu jogo de pingue-pongue. Logo o apanhei e trouxe comigo. Dulce sabia que eu o tinha achado, quando chamou por você a ultima vez.

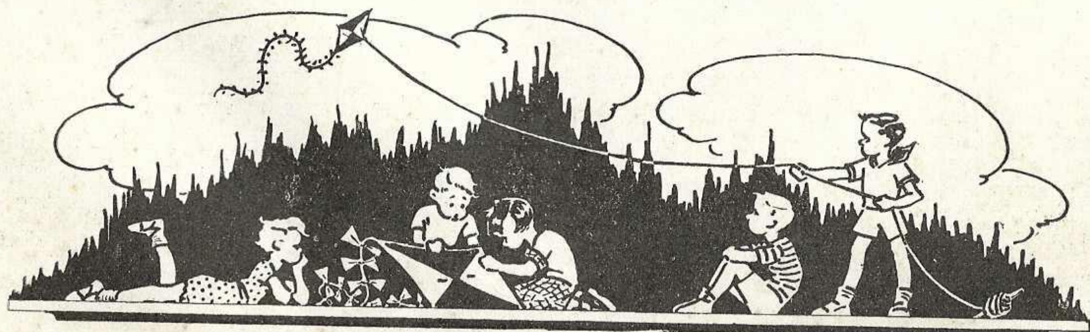
— Se eu prometer nunca mais fazer qualquer brincadeira de mau gosto — vocês não ficam zangados comigo ? Odete balbuciou.

— Decerto que não ! responderam rindo Fernando e Dulce.

— Afinal de contas, a brincadeira saiu contra mim, disse Odete.

— *O feitiço virou contra a feiticeira*, não foi ? disse Fernando.

— Sim, mas que bom que não perdi o convescote por causa dêle, replicou Odete, satisfeita.



Um Cão Leiteiro

Pareceu a Jules, quando atrelava seu cão ao carrinho vermelho, cheio de vasilhas de aluminio luzente, com leite, que o sol estava mais brilhante aquela manhã, depois das chuvas da noite.

— Eia, Leon! ele instigou. Toca a andar!

O cão vigoroso foi trotando como se tambem estivesse apreciando a beleza daquela manhã.

Todos os dias Jules e Leon levavam leite da sua pequenina granja belga para vendê-lo na cidade. Subiam uma rua e desciam outra. Quando as donas de casa ouviam o tilintar do sininho da coleira de Leon, saíam de suas casas com leiteiras para Jules encher. Todas gostavam daquele leite porque era tão rico, fresco e bem medido.

Essa manhã Jules saíra mais cedo. Mas ia apressado como sempre, pois o amigo Geoffroi, que morava logo na entrada da cidade, estava fazendo um barco de brinquedo, e ele queria ir espiar se já estava pronto.

"Vai ser só um momento", êle pensou. "Não vai dar para me atrasar".



Lançou um olhar para a propria sombra, que estava ainda bem comprida. Isso significava que era muito cedo. Então parou o carro e entrou correndo na casa do amigo. Não era preciso amarrar o Leon, porque o cão tinha sido bem treinado para esperar muito quieto, se o pequeno dono precisasse deixá-lo por alguns minutos.

Geoffroi levou tempo mostrando o bote e explicando coisas sobre ele. Depois foram ambos ao fundo do quintal, onde a chuva formára uma lagoa, para ver o barco navegar. Jules esqueceu de todo o leite, mas de repente notou como a sua sombra estava pequena. Tinha brincado mais de uma hora.

— Oh! êle exclamou. Demorei-me tanto que todas as patroas já devem ter comprado leite dos outros meninos. Agora, que fazer?

Correu para a frente da casa, onde deixára Leon. Mas o cão não estava mais alí.

— Com certeza ele se cansou de esperar e voltou para casa, Geoffroi disse.

— Não, respondeu Jules. Ele entrou para a cidade. Veja o rastro das rodas do carro. Preciso correr para alcançá-lo.

Ele correu pela rua o mais depressa que podia, com os sapatos de madeira fazendo tal barulho que mais parecia um bando de cavalos em disparada. Nessa parte da Belgica todas as crianças usam sapatos de madeira, de modo que o povo já está acostumado a esse barulho.

Foi dificil encontrar Leon, que se cansara de esperar e partira não muito depois de os meninos terem ido lançar o bote na lagoa.

Por fim, Jules, ao dobrar uma esquina, viu-o andando gravemente rua acima, com o sininho a tilintar. Leon tantas vezes percorrêra o mesmo caminho que já o conhecia tão bem como Jules.

"Está bem", o menino pensou, "já é tarde mas talvez eu possa vender ainda um pouco de leite."

Logo depois uma senhora saiu apressada com a sua leiteira. Leon parou e Jules puxou uma das vasilhas de aluminio para despejar um pouco do leite. Mas estava tão leve que êle quasi caiu para trás. Ergueu a tampa e olhou. Estava vazia!

Talvez a mãe se tivesse esquecido de

encher aquela. Ia ver a outra. Mas estava tambem vazia, e a terceira tambem. O que teria acontecido?

Nesse momento os olhos do menino caíram sobre uma pilha de moedas de cobre, a um canto do carro. Imediatamente compreendeu tudo. Enquanto brincava, o cão tinha trabalhado por êle. Leon fizera o trajéto de sempre, com o sininho a tilintar, e as donas de casa tinham vindo comprar o leite fresco. Com certeza o cão tinha parado ao vê-las, como sempre fazia, sem esperar por ordem. As mulheres então se serviram e deixaram as moedas no carrinho.

Jules por fim encontrou uma vasilha com leite. Entornou-o na leiteira da senhora. Ela pagou e entrou em casa. O menino tampou a vasilha e foi para a frente do carrinho, onde Leon esperava pacientemente pelo pequeno dono.

— Ah, meu velho, disse o menino, afagando a cabeça do cão, você é melhor leiteiro que eu. Noutra vez vou seguir o seu exemplo e fazer primeiro o meu trabalho, antes de brincar. Mas vamos andar agora bem depressa para vender o resto do leite.

E as rodas do carrinho vermelho foram chiando alegremente sobre as pedras da rua, em côro com o ruido dos sapatos de madeira de Jules e o tlin-tlin da campaínha de Leon.

Os Bolinhos Piquenique

Silvia pulou da cama. O sol entrava a jorros pelo quarto.

"Um dia lindo para o piquenique," pensou Silvia.

Ela cantarolou, enquanto escovava os cabelos. Na véspera tivera tanto receio de que amanhecesse chovendo. A mamãe e o papai tinham planejado um piquenique à beira do lago. Levariam merenda. Silvia tomaria banho no lago. A mamãe fizera uns bolinhos piquenique, como os chamava Silvia, porque sempre levavam daqueles em tais passeios.

Silvia correu à cozinha. Queria ver que sanduiches a mãe estava fazendo.

Mas a mamãe estava lendo uma carta. De sanduiches, mesmo, nada. Silvia não viu nem sinal de preparativos de piquenique.

A mamãe pôs um braço na cintura de Silvia e aconchegou-a junto a si.

— Que pena! disse baixinho. Não podemos ir hoje.

— Mas porque? perguntou Silvia. O dia está lindo.

— Recebi carta de tia Cristina, explicou a mamãe. Seu tio José está muito fraco e tia Cristina vai levá-lo à beira-mar. Passarão hoje por cá. Tia Cristina deixará em casa os tres filhos até a volta. Porisso precisamos esperá-los.

— Tia Cristina não podia deixar as crianças com a vizinha? perguntou Silvia.

A mamãe ficou séria.

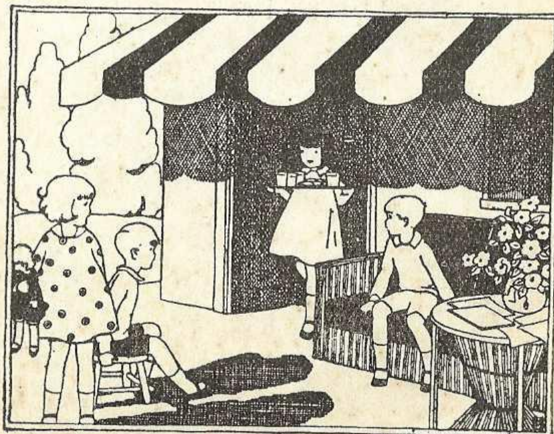
— Você gostaria se eu a deixasse com desconhecidos? perguntou.

— Ora, falou Silvia fazendo beicinho, afinal de contas eles não são nossos primos mesmo. Tia Cristina é só sua amiga dos tempos de escola.

— Mas gosto dela como se fosse uma irmã, tornou a mamãe com firmeza. Você já se esqueceu do verso que aprendeu o domingo passado?

— Não, respondeu Silvia devagar — "Não vos esqueçais da hospitalidade aos estranhos".

— Não quer dizer hospitalidade só para com nossos parentes, não é? disse



a mamãe. E' para tia Cristina e seus filhos tambem.

Silvia foi para o balanço, no quintal. Estava tão desapontada! Porque eles haviam de vir logo naquele dia? Tinha certeza de que nem poderia brincar, só pensando que perde a o piquenique.

Pela tarde tia Cristina e as crianças chegaram. Tia Cristina estava pálida e parecia aflita. Ficou contente em ver a mamãe. Ela nem teve tempo de tirar o chapéu. Tinha deixado tio José na estação. Precisava voltar logo para pegar o próximo trem. A mamãe ia acompanhá-la.

Tia Cristina parecia muito triste ao se despedir de Zèzinho, Gastão e Solange. Ela beijou Silvia tambem, esforçando-se por sorrir ao lhe dizer:

— Você vai cuidar bem deles, não é, Silvia?

Depois da partida da mãe e da tia, a casa parecia morta. As crianças entreolharam-se. Nenhuma sabia o que dizer.

Silvia olhou para as crianças. Ficou com pena delas. Quão triste ela ficaria se seu pai estivesse doente e a mãe tivesse de deixá-la! O relogio parecia dizer: *Tão-triste — tão-triste!* Silvia pôs-se de pé. Precisava pensar em alguma coisa para fazerem. Um pensamento alegre passou-lhe pela cabeça — os "bolinhos piquenique"!

Ela correu à cozinha. Pôs numa bandeja o prato de bolinhos e quatro copos de leite. Levou tudo para o terraço. As crianças olharam para a bandeja e ficaram alegres. Com a partida da mãe, elas tinham-se esquecido da fome que sentiam, mas agora começaram a comer com vontade, conversar e rir. Silvia contou-lhes para que eram aqueles bolinhos. Ela disse:

— Um dêsses dias ainda faremos um piquenique à beira do lago.

Quando a mamãe voltou, as crianças brincavam alegres no balanço. A tristeza tinha desaparecido.

Naquela noite, na hora de se deitar, Silvia disse para a mãe:

— Que bom eu ter aprendido aquele verso, no domingo. A senhora fez bem de m'o lembrar, mamãe. Foi muito divertido hospedar estranhos. Quatro crianças podem brincar muito melhor que uma só. Além disso, quando fizermos o piquenique, vai ser muito mais alegre, com todo esse bando de crianças.

Barcos de Papel

Joãozinho é um menino,
Garoto, alegre, ladino,
Gosta de rir, de saltar,
E leva a vida a brincar.

Certo dia, o Joãozinho.
Fêz êle próprio um barquinho...

Sua barca lá vai ela
Por sôbre as ondas possantes
Tal qual uma caravela
Dos antigos navegantes.

Serve-lhe o tanque de Oceano,
Mar irado, furioso...
Joãozinho, todo ufano,
Muito altivo e orgulhoso,

Governa, dirige, e clama,
Revolve a terra e o céu;
Agora é Vasco da Gama...
Logo é Bartolomeu.

Descobre as ilhas perdidas
Por sôbre êsse mar profundo;
Salvando milhões de vidas,
Mostra ao mundo um outro mundo.

Ora se afunda em naufrágio,
Ora anda ao sabor da água;
Se o agita um mau presságio,
Depressa esquece essa mágua,

Que no seu frágil batel,
Pos êle amor e esperança,
E o barquinho de papel
Sôbre as águas gira, dansa...

Maria Amelia Teixeira (Filha).

A Vida é Sagrada

Um dia o pequeno Ricardo de Souza ia pela avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, segurando com força a mão da mamãe. Como estava contente ! Olhando as vitrinas, observando o movimento na grande avenida, sentia-se perfeitamente feliz. De repente passaram por um homem que vendia passarinhos. Lá estavam tres deles sobre um galhinho sujo. Eram de um colorido brilhante e pareciam muito, muito mansos.

— Oh, mamãe ! Compre-me um desses passarinhos, pediu Ricardo. Eles são tão mansos e bonitos ! Eu quero um desses passarinhos lindos !

A Snra. Souza tinha um coração bem formado. Impressionando-se com as caixinhas em que os passaros eram transportados, pensou consigo :

"Se eu comprar um, ao menos o porei em uma gaióla grande, que hei de trazer sempre limpa."

Comprou então um dos tres, que o homem pôs noutra caixinha, destinada especialmente para o transporte.

Vocês bem podem imaginar, crianças, como Ricardo ficou satisfeito. Ele comprou uma gaiola bem espaçosa para a avezita e ficou grandemente ansioso por chegar em casa e instalar ali o querido inquilino, dar-lhe agua e comida. Mas à medida que iam correndo os dias, a Snra. Souza ficou perplexa. Evidentemente se passava algo de anormal com o passaro. Quando ela o tirava da gaióla para a limpeza quotidiana, o passarinho conservava-se imovel e não denotava o menor receio. Reparou tambem, desde o primeiro dia, que êle não podia sòzinho achar seu alimento ou agua. Era preciso colocá-lo rente às duas vasilhas e quasi pôr os grãos de alpiste no seu bico.

Ocorreu-lhe de repente uma triste suspeita. Acendeu um fosforo diante dos olhos do pássaro, agitou a mão, mas êle nem sequer moveu uma asa ou a cabeça. A boa senhora procurou o irmão, que era medico, e pediu-lhe que o examinasse. Com auxilio de uma lente poderosa, êle verificou que os olhos do passarinho tinham sido vasados e êle era, portanto, cego.

Vocês podem imaginar o quanto impressionou a Snra. Souza o doloroso fato. Ela contou então ao filho como o homem tirava as avezitas do ninho e as cegava para que parecessem mansas. O pequeno Ricardo chorou muito, de pena do pobre pássaro cego, mas a mãe fez mais que chorar. Sabedora de que um grupo de senhoras estava interessado em proteger os animais contra crueldades, procurou-as e contou-lhes o que sucedera. Ao mesmo tempo resolveu ensinar aos seus filhos alguma coisa sobre as necessidades e cuidados que merecem os animais.

Ricardo aprendeu em primeiro lugar que todas as criaturas que não são domesticas, de forma alguma devem ser presas ; que, se é para serem privadas de sua liberdade, como vemos às vezes nos jardins zoologicos, deverá ser-lhes oferecido um ambiente que se aproxime o mais possivel do nativo. Por exemplo :

Contaram a Ricardo que os animais dos grandes circos e de muitos jardins zoologicos não são postos em jaulas, mas em espaçosos lugares, em parques, onde as condições de vida são semelhantes, o mais possivel, com as quais estavam habituados. Ricardo aprendeu assim muito sobre cuidados para com os animais.

Agora êle tem um gato, um cãozinho e tambem dois canarios que estão em um viveiro bem grande, porque a mamãe lhe dissera :

— Os canarios nasceram e cresceram na gaióla, desconhecem outro modo de viver. Se os soltassemos, não poderiam viver por



si mesmos ; porisso vamos dar-lhes um lar espaçoso, onde haja uma arvorezinha, agua limpa e alimentação boa. Assim serão felizes.

O gato de Ricardo é luzidio, gordo e limpo, e o cãozinho tem um quintal grande para brincar, e é posto na sua casinha, à noite, para não incomodar o sono dos vizinhos com seus latidos. E vocês podem ter certeza, crianças, de que quando a familia sai em visitas, providencía antes para que os bichinhos sejam devidamente tratados, ou por um amigo ou por alguem que é pago para fazer isso.

Ricardo agora procura sempre contar aos amigos as coisas que a mãe lhe ensinou. Uma vez êle viu uma criança vizinha carregando dois gatinhos para os abandonar na rua, onde morreriam de fome. Então Ricardo lhe explicou que não é assim que se faz, deixar morrer à míngua as pobres criaturinhas ; que a gente pode piedosamente fazê-las dormir para sempre, pela ação do láudano ou clorofórmio, que podem ser aplicados mesmo em casa, ou pedir o auxilio da Sociedade Protetora dos Animais, que zela por êles com carinho.

Você tem um bichinho em casa, não é? Agora eu *sei* que vai tratar dêle tal e qual o Ricardo.

POM - POM

Sempre tive inclinação por animais, mas nunca me passou pela cabeça ter um rato branco. Uma tarde, entretanto, quando Paulo voltou correndo da escola com um bolso recheado, dei uma espiada dentro e no mesmo instante fiquei enamorada por um ratinho aninhado ali.

Em vez de ter a aparencia repulsiva que eu esperava, o bichinho era branco e macio como um pom-pom de pó de arroz. Os olhos eram vermelhinhos e as orelhas forradas de côr de rosa.

Isso foi há um ano. Pom-Pom, como chamámos ao ratinho, cresceu bastante e cativou toda a familia, graças à sua disposição alegre.

Sempre que temos visitas, Pom-Pom de boa vontade dá um espetáculo. Uma de suas artes é andar sobre um arame esticado. Como os artistas de circo usam uma sombrinha ou vara para se equilibrar, êle o faz com sua cauda longa. Chegando ao fim do arame, senta-se muito direito e espera que o acariciem.



Pom-Pom faz muita bulha com a sua cama, que tem de ser feita de um modo todo particular. Primeiro, com os dentes aguçados êle esfiava trapos até ficarem fofos como penas. Então forma com êles um ninho redondo e ajeita a cama com as patas, experimentando-a diversas vezes. Feito isto a seu gosto, Pom-Pom lava-se cuidadosamente e depois se enrodilha no ninho para um merecido repouso.

Eu julgava que os ratos só pudessem emitir um chiado desagradavel. Calculem minha surpresa quando, um belo dia, ouço um arrulho musical que partia da garganta de Pom-Pom ! Descobri então que êle cantava sempre que alguma coisa lhe agradava sobremodo.

Pom-Pom é louco por pinhão e parece perceber logo que ha deles em casa. De pé sobre as patas traseiras, com os longos bigodes espanando o ar, êle pede o petisco até ser atendido. E' interessante observar a sua habilidade em mordiscar a casca e, quebrando-a, remover o miolo do pinhão.

Quando o dia é quente, Paulo leva Pom-Pom ao quintal para se espojar no monte de areia. Se por acaso um gato ou cachorro desconhecidos passam por lá, o rato corre para Piloto, o nosso cão de quarda, pedindo proteção. Esses dois animais ficaram amigos íntimos. E' sempre um espetáculo interessante para os vizinhos quando o rato branco dá um passeio nas costas de Piloto ou se aninha perto do velho cão para tirar uma soneca.



1) Completar : *Aquele que encobre as suas transgressões, não prosperará;. . .* ?
2) Que condições determinam o verão ?
3) Qual foi a parte vulneravel de Aquiles ?
4) Qual é o país com que se identifica o nome Bourbon ? Hapsburg ?
5) Desde quando a Suissa é republica independente ?
6) Que escravo grego veiu a ser um grande fabulista ?
7) Que rapaz, vendido como escravo, veiu a ser governador do Egito ?
8) Qual é o maior de todos os pintores espanhois ?
9) Dar os nomes dos tres navios de Cristovão Colombo ?
10) Que menina americana, surda, muda e cega, aprendeu a falar, ler escrever e é hoje uma mulher de grande erudição ?
11) Quando foi descoberta a America ?
12) Que é um hangar ?
13) Quem era o imperador da Alemanha quando rompeu a Conflagração Mundial ?
14) Qual foi o maior amigo da Africa ?
15) Qual é a significação literal da palavra *dirigivel* ?

Respostas às perguntas de Setembro.

1. *Mas quem as confessa e abandona, alcançará misericórdia.*
2. Antonius Stradivarius (1644-1737).
3. Castro Alves.
4. O rio Danubio.
5. O corpo humano tem 501 musculos.
6. Pedro de Alcantara José Carlos Leopoldo Bibiano Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Raphael Gonzaga.
7. Erasmo Braga.
8. Porque neutraliza os maus efeitos sobre o piano, do ar úmido, salgado.
9. Foi — também tocava cravo e viola — mas organista por excelência.
10. Acredita-se que date aproximadamente do ano 1174.
11. Mais ou menos 5:000$000 em nossa moeda de hoje.
12. 70 partes.
13. Bolivia.
14. E' calculada em 64.000.000.
15. Hidrogênio. O ar atmosferico é 14 ½ vezes mais pesado.

OS

CORDEIRINHOS

S. A. B. Mozart, arr.

1. Cor - dei - ri - nho de Je - sus sou a - go - ra e o que - ro ser.
2. Cor - dei - ri - nho de - le eu sou; nos seus bra - ços dor - mi - rei,
3. Cor - dei - ri - nho de Je - sus! Que-ro a Cris - to sem - pre ver.
4. Cor - dei - ri - nho, sim, eu sou do a-mo - ro - so e bom Je - sus;

Côro: Cor - dei - ri - nho de Je - sus! Nos seus pas - sos que-ro an-dar;

D. C.

E - le é, sim, meu bom Pas - tor; vou com e - le sem te - mer.
Pois se ne - le eu con - fi - ar, bem se - gu - ro fi - ca - rei.
Pois me gui - a pe - la mão, sem - pre me quer pro - te - ger.
Com o mes - mo vou mo - rar on - de bri-lha a eter - na luz.
Cor-dei - ri - nho de Je - sus! Hei de a-má - lo sem ces - sar.

